

Voos silenciosos, inquietos, de buscas e encontros

*Hugo Almeida**

Na madrugada de 24 de dezembro de 2019, Jair Nascimento Filho, o primogênito de Dona Albertina de Sá, engenheiro com sensibilidade de poeta, me enviou por e-mail a crônica “A casa de minha avó”, sem revelar a autoria. “Estou mandando para você um escrito que não sei o gênero, se é conto, crônica, ou outra coisa. É de parente de Unaí. O que você acha? Transmite a atmosfera de roça e interior?”

O que li me encantou. Na manhã do mesmo dia, escrevi ao amigo fraterno que conheci em julho de 1973: “Que belo texto. Quem o escreveu tem talento e, se não for escritor, é porque não quer. O gênero? Entre a crônica e o conto, mais para crônica, já que não parece haver ficção ali. Há riqueza de preciosas memórias da infância, em rico vocabulário, lirismo, poesia, o que é muito bom. Não seria você o autor? Seja quem for, está de parabéns. Deve ter mais textos guardados e não pode parar de escrever”.

No dia 26, ele me escreveu: “Minha mãe, Albertina de Sá Nascimento, é a autora de ‘A casa de minha avó’. Fiquei feliz com sua resposta. Gosto muito dos escritos da minha mãe, mas estou em situação suspeita de admiração por ser filho”.

E continuou: “Com 94 anos raramente escreve alguma observação. Mas tem coisas muito bonitas que eu guardo os originais manuscritos e pouco a pouco vou providenciando para que sejam digitalizados. Gostaria de te passar mais dois escritos de gêneros diferentes. Uma poesia e outro que não sei classificar”.

Ainda naquele 26 de dezembro, ele me enviou dois outros textos, “Café de outrora” e “Por vocação”. E escreveu: “De ‘Café de outrora’ gosto muito. É singelo e me traz a atmosfera simples da rotina, do dia a dia, do prazer desse costume de um simples cafezinho. ‘Por vocação’ é muito triste. Me emociona muito”.

Não me lembro (não tenho registro nos e-mails, talvez tenha sido numa conversa telefônica) quando surgiu a ideia de reunir textos da Dona Albertina em livro. O fato é que Jair deu notícia à mãe. Em 13 de janeiro de 2020, ele me escreveu em novo e-mail: “Muito obrigado pelas palavras e observações tão gentis. Minha mãe me perguntava se era sério, se os manuscritos estavam mesmo agradando. O bom é que o assunto livro será muito bom para ela enquanto estivermos empenhados nesse projeto. [...] Acredito que essa empreitada poderá fazer muito bem a ela, mesmo durante sua elaboração. E eu estou mais animado do que ela”.

Nesse e-mail ele ainda fez algumas sugestões de título para o livro, “levando em consideração as características da Dona Albertina, de amor à liberdade, combatividade (guerreira, garra) e audácia (irreverência das calças compridas e morar em hotel), e seu amor pela terra, resumindo em duas palavras raízes e sonhos”. As sugestões estavam bem próximas do título a que chegamos juntos: *Voos no Cerrado*.

Aos 95 anos, Dona Albertina aprovou o título. Esta é a história resumida da edição do livro. Um pouco da vida da autora o leitor conheceu em “Liberdade e talento no céu e no chão”, que abre este volume de inquietações, buscas, encontros. Um voo silencioso iniciado com o singelo “Café de outrora” – “Café pra toda hora/ café pra todo dia/ Servido com gosto/ e com alegria.// Café grosso, como tinta de escrever/ Servido pra todos que quisessem beber”.

Não foi o gênero que ditou a ordem dos textos, nem a data deles (muitos não a têm). Foi a temática. Por isso, poemas e crônicas se intercalam. Depois do poema do café, está a crônica “A casa de minha avó”, bonita lembrança da visão infantil: “...uma casa humilde, sem história e sem nome, apenas a casa de vovó” [...] Nessa humilde casinha dela e também muito minha brinquei, cresci, sonhei”. E à memória da autora vêm cravos, rosas, lírios, grilos, vaga-lumes, periquitos, sabiás, a lua. Essa vida bucólica fica apenas na lembrança. “O tempo é um fio que vale muito, e como um fio por entre os dedos não se pode segurar. [...] Veio a larga ambição do homem, veio a larga boca do machado e do trator remexendo tudo e pouco a pouco tudo se consome por entre a densa poeira.”

Segue-se a esse poema o extraordinário “A meu pai”, de delicioso sabor clássico, texto digno de qualquer grande poeta conhecido. Alguns versos dele: “Enquanto o coração amava e atraía/ como a partitura de um bandolim,/ ali repetias, separavas e dividias/ multiplicavas e recolhias amizades/como os fios e as gramas da vida,/ os últimos licores, as íntimas essências”.

No poema “Vogal temática”, voltam imagens e ecos da infância, recordados com beleza e simplicidade: “O casarão de altos baldrames/ E largas portas sem polimento/ Risos e vozes por todos os lados/ Como aranha puxando a teia no telhado/ Hoje só lembranças somente. [...] Lentamente a noite descia/ O céu de estrelas, pedacinhos de espelho”. Nesse poema, a menina conversa com as estrelas, “era um diálogo ligeiro/ mas tinha o encanto do amor primeiro”.

O Cerrado de Unaí e região está vivo em “A referência”, crônica de “recordação e saudade cortante e doída, mas que quanto mais dói, a gente quer se lembrar”. Essa crônica, escrita em Unaí, em 1984, ecoa o poema “Referência”, feito dois anos antes em Belo Horizonte. Nem todos os textos serão citados aqui, o leitor há de encontrar outras preciosidades ao longo do livro, mas alguns ainda precisam ser lembrados, como a sequência de introspecção – de voo para dentro da alma que não se dobra a apelos insensatos – iniciada com o poema “Somos nós” (“somos forjados de aço/ suportando todo o mal”. Depois, a concisa e vigorosa crônica “Por vocação”, em que a autora nos fala de dois seres com os quais conviveu “por toda a vida”. Quem são? Duas pistas: “Um deles me acaricia desde que abro os olhos para a luz do dia. [...] O outro todo dia vem ao fim da tarde, quando o sol não mais me arde nos olhos”. É ler a crônica e encontrar um pouco de todos nós. Novo encontro inquietante, forte diálogo, se dá em “Um ser”. A palavra, ou “o nome”, que marcou a vida de Dona Albertina está em “Um só pensamento”, palavra que o leitor já deve ter visto na biografia da autora, na abertura deste livro.

O sonho e a vida real ressurgem no poema “Uma madrugada real e imaginária”: “Eu vi passar uma canção/ Como passa o rio” [...] “E vi a manhã invadir em tons rubros o ventre da noite”. A poeta rima passado com pecado, versão com imaginação e revela-se em “Falo sozinha”: “Contadora que sou/ Conto história de história”.

Dona Albertina voou em aviões e em pensamentos, sem nunca deixar de ter os pés firmes no chão do real, como fica claro em poemas de forte cunho social como “Meninos de rua” (“sufocando um grito/ de uma revolta mansa [...] e acha sem graça/ os companheiros da pobreza/ da pobreza de ser/ da simplicidade de não ter”. Ela retoma a dor de meninos à míngua em “O pivete” (“Um choro silencioso que atravessa o tempo/ da simplicidade de não ter”) e em “Uma pobre criança” (... “sem pão, sem pai/ sem carinho sem calor/ [...] a pedir em vão/ a pedir em vão”) e ainda em “Jornal do dia”. Não são poucos neste livro os textos de denúncia das injustiças sociais. Aos já citados, somam-se o poema “Migrante nordestino” (“É o suor que corre/ Suor sem sentido”), e as crônicas “Vida de cão”, em que o Zé, da Maria Clara, “preferia seu burro de cor queimada de nome Sabiá” a automóvel (“cruz-credo, isso é coisa do diabo”), e “Os privilégios de Maria Clara”, que “espera que Deus ponha a rede embaixo do trapézio frágil em que balança”.

A crônica “Caraíba” nos traz a saborosa “mistura de amor e ficção”, quase uma canção. Já “Despertar da vida” é um poema de dolorosa inquietação. No entanto, podemos ler também a delicada beleza perfumada de “Conversa de flores”.

Há enlevo ainda maior na prestação de contas com o Criador em “O tempo”: “Deus pede estrita conta do seu tempo,/ É forçoso do tempo já dar conta”. E a partir desse poema, aprofunda-se o embate com “As horas” (“...as lembranças das horas que passaram/ Boas ou não”). Em vários momentos do livro, Dona Albertina revela-se leitora de grandes poetas, como Manuel Bandeira e Vinícius de Moraes. Na crônica “A rosa e a pedra” ressoam os versos de “No meio do caminho” e “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade, em clara homenagem ao maior poeta brasileiro.

Nos poemas finais deste voo inquietante de buscas e encontros, a autora aprofunda o mergulho – sereno, sem qualquer temor – na transcendência, a começar por “Importância de uma vida”, poema de balanço existencial: “o importante é saber/ que qualquer momento/ é minuto de sorrir/ nunca é mau tempo”. Emergem nos poucos versos do poema “Amar” vários sentidos desse verbo universal, como liberdade, brilho de alegria no olhar, vida no paraíso. O belo e doloroso “Partida eterna”, sopro quase em surdina, é dedicado a um sobrinho que fez o voo final: “Quando lembramos de ti, seguimos um eco/ E pelo espaço tentamos ouvir tua voz/ Mas tudo é mistério”. Completam o bloco de textos sobre familiares singelos poemas, de mística serenidade, entre outros “Meus netos”, “Uma manhã com Ricardo, meu neto” e “Cantiga para ninar minha neta”, esse o antepenúltimo do volume.

Ao lado dele, os últimos poemas do livro – “Entardecer”, “Do eterno” e “Silêncio” – revelam momentos de paz infinita, “na sua descoberta de sentido mais doce”. Como a escritora diz no poema “Mulher”, um dos incontáveis pontos altos deste volume: “Antes que mulher, sou pássaro/ Na viagem incontida de voar liberdade”. A autora lembra em “Voo rasante” que “aquele que não faz acontecer não merece a magia da vida”. Dona Albertina de Sá fez acontecer. No ar e na terra. E não haveria palavras mais justas para fechar a apresentação deste belíssimo *Voos no Cerrado* do que estas, da mesma crônica: “Voou, navegou em sonhos e realidade. Voou alto, fez voo de cruzeiro, horizonte e voo planado. No aeroporto da vida pousou em voo rasante”. Fecha o volume o texto mais recente de Dona Albertina, de agosto ou setembro de 2019, “Amanhã terá festa”, poema que parece ter nascido em sonho.

Por força das circunstâncias, Albertina de Sá não pôde fazer carreira literária. No entanto, graças ao empenho do filho Jair e da arte de Guilherme Horta, o talento da escritora está revelado agora, perto dos cem anos, nesta esmerada e artística edição de *Voos no Cerrado*.

*Escritor e jornalista mineiro radicado em São Paulo. Doutor em Literatura Brasileira pela USP.